

## Literatura e protestantismo: influências da literatura ensaística no *Diário de um missionário norte-americano no Brasil*

Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira<sup>1</sup>

### Resumo:

*Esta comunicação, sob o tema do simpósio: Literatura, leitura e protestantismo: interfaces de uma relação, estuda de modo particularizado como a leitura do livro *Essays by a Series of Letters*, do escritor inglês John Foster, publicado originalmente no início do século XIX, influenciou os apontamentos no Diário do missionário norte-americano Ashbel Green Simonton, fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil, em meados do século XIX. Tal influência se deu não apenas na seleção de fatos para registro, mas também na forma como eles foram anotados. Portanto, a comunicação pretende indicar como um texto, o Diário, de cunho essencialmente religioso, é tributário em sua forma e conteúdo às influências da literatura.*

**Palavras-chave:** literatura, protestantismo, Diário, John Foster, Ashbel Green Simonton.

### Introdução

O protestantismo brasileiro possui cerca de um século e meio de história. Movimento religioso oriundo do continente europeu e principalmente da América do Norte, já possui profundas raízes históricas, sociais e culturais em nosso país. As várias facetas desse protestantismo são vistas, em geral, a partir de uma ótica meramente religiosa, que se torna intérprete monolítica da multifacetada expressão protestante. Tal perspectiva não se constitui apenas em uma debilidade metodológica daqueles que estudam o movimento. Ele próprio contribui para que assim se dê mediante posturas e comportamentos excludentes, em razão dos quais se tem cunhado e aplicado a ele o termo pejorativo: **gueto** religioso.

Esta comunicação procura caminho diverso para construir sua análise. Considerando e buscando entender o movimento protestante dentro de um universo mais amplo, indaga de modo particular se existe relação de influência entre o movimento e a cultura. A hipótese proposta, embora não possa se estender a todos os segmentos do protestantismo brasileiro, é que houve, sim, influência da cultura, aqui representada pela literatura, sobre uma parcela significativa desse agrupamento religioso. Para demonstrar a hipótese, estudo tal relação em um representante de uma das primeiras e mais importantes igrejas a assentarem seus pés em nosso país: a Igreja Presbiteriana, na pessoa do jovem pastor e missionário norte-americano Ashbel Green Simonton, que aportou no Rio de Janeiro em 1859. O *corpus* de análise será seu *Diário*<sup>1</sup>, que já estava sendo escrito e continuou a sê-lo até 1866, cerca de um ano antes de sua morte com apenas 34 anos de idade.

São de interesse particular os apontamentos sobre leituras de textos literários presentes no *Diário*, de modo especial o livro de ensaios de John Foster, *Essays by a Series of Letters*. Este trabalho procura identificar as citações do livro e investigar como elas influenciaram na produção do *Diário*, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo.

---

<sup>1</sup> Aqui será utilizado o texto editado em 1982, com tradução de D. R. de Moraes Barros, pela Casa Editora Presbiteriana.

## 1 Surge um *Diário*

Antes de iniciar a análise propriamente dita, é necessário tecer algumas considerações preliminares a respeito do gênero **diário**, visto que no século XIX, quando Simonton redige, manter um diário havia se tornado “um hábito convencional entre pessoas de cultura” (FOTHERGILL, 1974. p. 34 apud ALASZEWSKI, 2006. p. 9). Sem pretender traçar um histórico do surgimento do gênero **diário**, convém destacar que:

*O instinto autobiográfico é tão antigo quanto a escrita, ou melhor, é tão antigo quanto o desejo humano de registrar suas vivências. A literatura íntima, no entanto, só começa a se fortalecer enquanto gênero a partir do estabelecimento da sociedade burguesa e da difusão da noção de indivíduo, ou seja, quando, no Ocidente, o homem adquire a convicção histórica de sua existência (MACIEL, 2008. p. 3).*

Cabe a observação que esse tipo de texto, principalmente de conteúdo religioso, como é o caso aqui, tende a ser recebido por seguidores e simpatizantes do diarista e de sua religião como texto fundante, ou ao menos como apresentação de um modelo de vida a ser seguido. Nesse sentido, a leitura é feita do ponto de vista do relato factual dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, é altamente idealizante.

Para contrapor tal visão, convém reconhecer que um diário se constrói sob a tensão privado-público. Escrito em primeira pessoa, ele é o relato do indivíduo que dialoga consigo mesmo, na busca da extensão da vida para o pós-morte, ainda que literária. Tal impulso pode motivar o autor a ser sincero e corajoso em seus registros. Soma-se a isso o desejo, geralmente inconfesso, de oferecer suas experiências como um estímulo aos que virão. Nesse ponto o objetivo do diarista identifica-se com o desejo de seus leitores religiosos citado acima. Obviamente um diário é escrito para ser lido por outros que não apenas seu autor. Caso contrário, nele constaria apenas uma série de anotações em forma de resumo ou codificadas, que serviriam tão somente para reativar a lembrança de fatos pretéritos na memória do escritor. Mas não. Há descrições, por exemplo, que seriam totalmente dispensáveis caso não se tivesse em vista uma audiência mais ampla do que meramente aquele que as vivenciou. Cito um dos primeiros registros do *Diário*:

*A viagem, margem do rio James acima, foi esplêndida, graças ao bom tempo. A paisagem é interessante mas não muito variada. Quase até City Point o rio é largo, as margens baixas e pantanosas, cobertas de pinheiros um tanto raquíticos, que impedem a visão do interior. Existem apenas algumas residências nas margens, aliás fato que chama a atenção do Nortista na região toda (1982. p. 13).*

O estrato acima clama por um leitor. Fica claro que, no intento de produzir algo que perdure, o diarista extrapola o mero registro casual migrando para o campo literário<sup>2</sup> com o objetivo de comunicar-se. Ainda que escreva sobre acontecimentos cotidianos e corriqueiros, o tratamento que dá a eles será o de alguém que quer torná-los não apenas compreensíveis, mas também convincentes.

Dito isto, podemos passar às considerações propriamente ditas acerca do *Diário* de Simonton. Ele contém em sua maior parte registros semanais, conforme o próprio autor propõe (1982. p. 9), começando logo após a graduação de seu autor no Colégio de Nova Jersey<sup>3</sup>, em 1852. As primeiras linhas são escritas em 05 de novembro daquele ano. Simonton e o irmão James, que residiam com a família em Harrisburg, Pensilvânia, decidem viajar para o Mississipi, onde permanecem por cerca de um ano e meio trabalhando como professores. Daí que o *Diário* surge como o registro da viagem

<sup>2</sup> Embora seja difícil, talvez impossível, distinguir entre o que é o que não é literário. Quanto a isso, cf. o livro: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*.

<sup>3</sup> O que viria a ser mais tarde a Universidade de Princeton.

de um nortista ao sul do país. Conforme anotação, o jovem professor não pretende seguir a carreira docente (1982. p. 16, 11 de novembro), o que permite pensar que estava em busca de aventuras, algo propício para um jovem com 20 anos incompletos.

Não há nada de excepcional nos relatos iniciais. Apenas algumas situações pitorescas e observações não muito elogiosas quanto à cultura e aos costumes do sul, principalmente sobre a escravidão, obviamente a partir da ótica ianque. Não faltam anotações regulares a respeito de moças que o diarista conheceu. Poderíamos dizer: aventuras de um adolescente que sai de casa pela primeira vez para descobrir o mundo. Fato a ser observado é que nenhum registro desse período indica uma futura vocação missionária. Há, sim, elementos da vida de um jovem educado em uma sociedade protestante, com temor religioso, e algumas práticas como a frequência à igreja e a visita a acampamentos religiosos. Nada mais.

Após pouco mais de um ano no sul Simonton começa a pensar seriamente em retornar para casa. Reflete sobre o futuro. Em anotação de 11 de fevereiro de 1854 (1982. p. 53) menciona a possibilidade de estudar Direito. Nesse dia cita carta em que sua mãe expõe o desejo de que se torne pastor. Embora reconheça que é uma atividade extremamente digna, o jovem não se sente atraído por ela. O próprio autor resume seus objetivos com a aventura sulina de 11 de março de 1854:

*Já obtive o que desejava com a viagem pelo Sul: agora conheço bem as maneiras e costumes do povo, e aprendi quanto poderia aprender com uma estada mais longa. Revi meus estudos e fixei-os melhor na memória; ganhei alguma experiência ensinando e dirigindo uma escola, o que é importante [...] além de tudo juntei alguns centavos (1982. p. 57).*

A última anotação no sul é de 13 de junho de 1854. A próxima, em 12 do mês seguinte, já é transcrita em casa de sua família em Harrisburg, embora nesses registros o autor se preocupe em apresentar um relato retrospectivo da viagem de retorno ao lar e as impressões sobre o reencontro com pessoas e locais em sua terra após o período de ausência. Registra também suas dúvidas acerca do futuro profissional. O Direito é novamente considerado (p. 63-72). As próximas páginas serão utilizadas para refletir sobre o assunto (p. 72-73). A partir daí o *Diário* traz uma série de anotações sobre atividades familiares, passeios, viagens, estudos, até o dia 20 de janeiro de 1855, aniversário de Simonton, quando lança no *Diário*: “A verdade é que chego aos vinte e dois anos, e ainda não fixei o objetivo de minha existência” (1982. p. 87).

## **2 A presença de John Foster no *Diário***

John Foster surge no *Diário* de Simonton em citação de seu livro: *Essays by a Series of Letters*, em 7 de abril de 1855. Esta, por sua vez, liga-se ao tema iniciado em 10 de março, quando o diarista abandona a anotação de atos cotidianos, que diríamos corriqueiros, para descrever algo novo. Manifesta-se nas igrejas da cidade um fervor religioso, atingindo a comunidade onde o jovem congrega. É perceptível o clima de devoção e sensibilidade espiritual que envolve as pessoas. Ele relata:

*Anteontem convidaram-se os interessados na salvação da própria alma, que quisessem conversar sobre o assunto a ficar mais tempo, e um número grande ficou. Ontem novamente foi feito o convite e considerei meu dever ficar, juntamente com mais umas vinte pessoas. É uma decisão importante e, creio, um passo na direção certa. Religião é assunto sério, infinitamente mais importante que qualquer outro a que nos dediquemos [...] Meu objetivo quando permaneci, era principalmente fazer a declaração pública de minha intenção de colocar-me*

*do lado do Senhor, e abafar o orgulho teimoso que me impedia de fazê-lo (1982. p. 90-91).*

As anotações seguintes continuam expressando o impacto da decisão religiosa de Simonton. É bom dizer que ele não era uma pessoa que se pudesse considerar distante de Deus, sob uma vida dissoluta. Pelo contrário, jovem criado segundo costumes e tradições protestantes presbiterianas, passava agora por uma experiência pessoal profunda, que o levava a rever seus caminhos. É nesse contexto que, como dissemos, em 7 de abril daquele ano Simonton cita pela primeira vez o texto de Foster:

*Tenho lido ultimamente os Ensaios de Forster [sic]. Seu ensaio sobre Decisão de Caráter me agradou mais que qualquer coisa lida nestes últimos tempos, tanto pelo estilo como pelo assunto. É notável pelo tratamento metódico e claro da matéria e também pelo conhecimento acurado da natureza humana e das leis da mente, que exhibe (1982. p. 93).*

Deve-se reconhecer que a leitura foi importante naquele contexto. Antes de prosseguir, no entanto, cabe apresentar algumas informações a respeito do autor. John Foster (1770-1843) nasceu em uma fazenda nas cercanias de Yorkshire, Inglaterra. Como pastor protestante da Igreja Batista, passou por várias comunidades sem obter destaque em sua atividade. Mais inclinado à vida de meditação e estudos do que às obrigações diárias da vida pastoral, voltou-se para a literatura, tendo-se tornado um dos maiores escritores de sua época. Ficou conhecido principalmente por seus ensaios, dos quais o mais famoso é o livro citado por Simonton e intitulado *Essays by a Series of Letters*, escrito em 1805, e que se constituiu em um clássico quase que instantaneamente.

Para Thomas B. Shaw, autor de um manual de literatura inglesa escrito algumas décadas após o livro de Foster: “[...] seus escritos, na forma de ensaios literários e religiosos, estão entre os mais importantes acréscimos à literatura inglesa. Em seu *Ensaio* a energia e a força de pensamento são apenas igualados pela beleza de suas expressões” (1865. p. 464-465, tradução nossa). Conforme outro autor do período, Joseph Thomas: “Esses ensaios são fruto de um pensador original e profundo. Sua moralidade é superior e seus princípios são liberais” (1870. p. 944, tradução nossa). Enfim, em ainda outro manual de literatura inglesa, publicado em 1876 por Thomas Arnold, o livro, em virtude da alta reputação alcançada, é citado como modelo de texto ensaístico (p. 514). A importância do autor e de seu livro pode ser avaliada não somente pelos comentários dos autores referidos, mas também pelo fato de que no momento em que Simonton o lê, 50 anos depois de sua primeira edição, ele ainda continua exercendo influência sobre os leitores. Além do mais, *Essays by a Series of Letters* foi reeditado inúmeras vezes, estando até os dias de hoje à venda em diversas livrarias<sup>4</sup>.

O livro é dividido em 4 ensaios, cada um deles subdividido em cartas. O primeiro ensaio recebe o título: “Sobre um homem escrevendo suas próprias memórias”; o segundo: “Sobre a decisão do caráter”; o terceiro: “Sobre a aplicação do epíteto romântico”; e o último: “Sobre algumas das causas pelas quais a religião evangélica tornou-se inaceitável às pessoas de gosto refinado”. Simonton utilizou trechos dos dois primeiros ensaios.

Parece claro que o diarista encontrou nos ensaios pontos de contato entre sua experiência e aquilo que o autor escreve, principalmente ao tratar da “decisão de caráter”, ensaio de onde retira a citação de 7 de abril de 1855. Anteriormente Simonton havia mencionado sua dificuldade em tomar e manter decisões. Em 10 de março afirmara: “Já houve ocasião em que cheguei a resolver ser o que devia – mas foram decisões fracas; dediquei-me à oração pessoal e à leitura da Bíblia, e continuei por longo tempo [...] Mas logo o sentimento passou e fiquei como antes, ou pior” (1982, p. 90). Três dias depois, registra: “Acredito que nos últimos três anos tem sido desejo constante de meu coração tornar-me cristão [...]” (1982. p. 92). Na sequência, relatando os momentos de reflexão

<sup>4</sup> O livro pode ser adquirido, por exemplo, no site: [www.amazon.com](http://www.amazon.com).

pessoal diante da contemplação do céu, das estrelas e com a lembrança de parentes falecidos, todos eles convidando-o a aproximar-se de Deus, conclui melancólico: “Mas que pena! Essas impressões, apesar de freqüentes, apenas resultam em pequenos e frácos [sic] esforços, e lá voltava eu à velha passividade” (1982. p. 92). Diante desse quadro de tentativas frustradas, é natural que Simonton se preocupe com a possibilidade de uma vez mais naufragar em sua decisão. É nesse momento que Foster vem em seu auxílio ao apresentar reflexões a respeito das decisões a serem tomadas por uma pessoa no decorrer de sua vida.

Simonton revela a importância dos *Essays* ao mencionar em 7 de abril: “A primeira e mais proeminente característica de um caráter decidido é a confiança total na correção de seus próprios juízos [...]” (1982. p. 93), citação literal retirada do ensaio “Sobre a decisão do caráter”, carta 2, página 94. A sequência de seu comentário é uma referência indireta derivada do contexto em que se situa a referida carta, como segue:

*[...] não se trata de crença teórica, mas convicção prática, que não varia conforme o sentimento, não é abalada por oposição, e não duvida de si própria quando a responsabilidade lhe é atribuída. Isto é visto por Forster [sic] como um dom raro, apesar de a maioria dos homens pensarem que é bastante comum; acredito que Forster [sic] está certo (1982. p. 93).*

A leitura do *Diário* nesse intervalo indica que Simonton permaneceu resolutivo em seu intento, tornando-se um cristão responsável. Logo após decidiu estudar teologia. Para tanto, matriculou-se no Seminário de Princeton. É ali que a segunda citação de Foster ocorre, desta vez fazendo uso do primeiro ensaio: “Sobre um homem escrevendo suas próprias memórias”, no dia 13 de agosto de 1855, logo após sua chegada:

*A vida de estudante flui tão calmamente e com tanta rapidez que os acontecimentos que vale a pena registrar neste “Semanário” são de todo desproporcionais aos dias em branco. De acordo com John Forster [sic], entretanto, o que se deve registrar num diário particular não são incidentes, mas sim a história do desenvolvimento do caráter, bem como as causas, influências e acidentes que acompanham cada passo desse desenvolvimento e determinam seu rumo e resultados. Desse ponto de vista, os acontecimentos têm importância a partir de seus resultados e uma época da vida que transcorre calmamente e parece fornecer pouco material pode na realidade ser considerada sem acontecimentos. Forster [sic] está certo em suas premissas” (1982. p. 102, grifo nosso).*

A monotonia dos estudos, experimentada novamente por Simonton, propicia a transcrição acima. A citação indireta de Foster é oriunda da carta 1, página 17. Foster comenta, a partir do interesse que a maioria das pessoas nutre pelos acontecimentos do passado, que orientou dois ou três amigos a:

*[...] escrever, principalmente para seu próprio uso, memórias de suas vidas, se preocupando não tanto em enumerar meros fatos e eventos da vida, mas em discriminar os estados sucessivos da mente, e então traçar o progresso do que pode ser chamado de caráter (1864. p. 17, tradução nossa).*

Seguindo a argumentação, Foster lembra que mesmo quando o espaço de tempo se amplia para décadas, o material que valeria a pena ser transcrito poderia ser reduzido a um volume pequeno e modesto. De modo um tanto cético lembra que “[...] uma grande parcela do que tem ocupado os anos da vida de uma pessoa é sem valor para sua história; servindo meramente para a acomodação do tempo” (1864. p. 18, tradução nossa). A partir da citação, será natural para o jovem estudante selecionar os fatos que estejam colaborando para o desenvolvimento de seu caráter cristão segundo o critério proposto. Se no momento em que escreve são poucos os fatos digno de registro, logo

mais, quando terminar os estudos e sua vida se encaminhar para desafios maiores e mais complexos, eles surgirão inevitavelmente.

É mister registrar que na anotação de 13 de agosto em que Foster é citado pela segunda vez, Simonton conclui a análise do escritor afirmando: “Mas como eu não me aplico a dar um daguerreótipo fidelíssimo de minha vida interior, conforme ele pretende, desconfio de que, por instrutivos que se provem esses retratos interiores, exigem tão grande cabedal de virtudes e talentos, que talvez nem 1 em 100 presta” (1982. p. 102). Pode-se pensar a partir das afirmações que o diarista não se deixou influenciar pelas orientações de Foster a tal ponto que elas reorientassem seu modo de escrita do *Diário*. A pesquisa que se segue, por outro lado, indica que Foster não passou despercebido por Simonton. O que se pode depreender da citação, por outro lado, é a dificuldade inicial daquele estudante frente à tarefa de identificar e registrar as alterações em seu caráter. O que, com a maturidade e o aprofundamento de suas experiências, acabou tornando-se exequível.

### **3 A influência de *The Essays* no *Diário***

As duas interferências de Foster no *Diário* de Simonton devem serão estudadas com mais atenção neste ponto. O objetivo é especificar de que modo elas influenciaram e/ou alteraram os registros. Obviamente as duas citações estão interligadas. A firmeza de decisão que evidenciará um caráter diligente e os registros que demonstram a evolução desse caráter compõem uma mesma realidade. Elas dizem respeito ao conteúdo e à seleção e forma das transcrições.

A partir da intensificação da fé de Simonton fica nítido que existe um filtro religioso que norteia sua preocupação em tomar decisões que manifestem um caráter cristão maduro, a busca pelos critérios de seleção daquilo que deverá ser transcrito e a identificação de como tais situações afetarão no desenvolvimento de seu caráter. Por esse prisma, o *Diário* pode ser dividido em dois. Aquele escrito antes da referida experiência, e o que se concentra em relatá-la, bem como seus desdobramentos. Obviamente tal distinção não pode ser tomada rigidamente. Há áreas não muito bem definidas na transição entre os dois momentos, mas que não invalidam a proposta de análise.

Conforme já foi indicado, a decisão de caráter e o exercício do juízo próprio se evidenciaram quase imediatamente após a dedicação religiosa de Simonton, em oposição à fé inconstante vivida até então e pouco presente nas anotações. O jovem tornou-se membro da Igreja Presbiteriana da cidade, embora ainda lutasse contra a falta de manifestações emocionais que evidenciassem sua religiosidade (cf. 1982. p. 95-98, 3 a 6 de maio), manifestações essas comuns no puritanismo influenciado pelos movimentos avivalistas de então. Às vésperas de ingressar no seminário teológico em Princeton, preocupado em seguir disciplinas espirituais, elaborou uma lista de deveres que o seguiriam diariamente: frequentar os exercícios devocionais do seminário (cultos, reuniões de oração, etc), vigiar incessantemente seu coração, estudar devocionalmente a Bíblia, ler livros com experiências religiosas e memórias de cristãos, buscar comunhão íntima com Deus, cultivar a oração. Em segundo plano, zelar pela saúde com exercícios físicos e cuidados alimentares, e ser atento para não apresentar um comportamento que viesse a ser entendido como leviandade de caráter (cf. 1982. p. 104-105, 4 de setembro). Mesmo em situações de dúvidas, inquietações, e indecisões, ele manteve o propósito de assumir suas decisões com firmeza, fruto de uma racionalidade treinada para impor-se sobre sentimentos, emoções e dificuldades que o assediavam.

Em registro de 14 de outubro de 1855 o jovem estudante comenta, após ouvir um sermão em Princeton: “[...] estou agora convencido de que devo considerar a possibilidade [de tornar-se missionário] seriamente” (1982. p. 107). Duas semanas depois anota a participação em uma reunião com interessados em missões estrangeiras. Entretanto, julga prematuro decidir-se nesse momento: “Quanto a tomar agora minha decisão para o futuro, não acredito que seja aconselhável” (1982.

p.107, 28 de outubro). Possivelmente pensa assim por ainda estar no primeiro ano de seus estudos. Vê-se, nas duas citações, o exercício da racionalidade como condutora de suas decisões.

A busca por um caminho racional para o desenvolvimento do caráter não nega as tensões que se apresentavam a Simonton. O *Diário* está repleto de interrogações quanto ao futuro. O jovem estudante não se contenta em registrar o que tem se passado com ele, mas anota repetidamente questionamentos acerca do que está por vir. Temos um exemplo em sua opção por ser missionário. A pergunta que surge é: para onde? A questão se apresenta em 4 de fevereiro de 1856 (1982. p. 111) e retorna em 10 de outubro do ano seguinte (1982. p. 123). Em 27 de novembro de 1858 é dada uma sinalização: Simonton envia proposta formal à Junta de Missões da Igreja mencionando o Brasil como país de seu interesse. Em 13 de dezembro recebe resposta afirmativa: irá para o Brasil (1982. p. 125). Recém-chegado, frente às dificuldades com língua, clima, povo, etc, sente-se fraco, incapaz de cumprir seus compromissos como missionário, e carente dos cuidados divinos. Diante disso, escreve: “Ele [Deus] irá usar tal instrumento?” (1982. p. 149, 3 de outubro de 1859). As citações permitem reconhecer que Simonton refletiu seriamente sobre os caminhos a serem trilhados e, ao mesmo tempo, preocupou-se em submeter-se à vontade de Deus quanto ao seu futuro. O desafio era manter unidas a razão e a fé como caminhos que o conduziriam à maturidade.

Os registros desta segunda fase da vida de Simonton estão distantes daqueles transcritos antes de sua decisão religiosa e da leitura de Foster. Este é o ponto central da discussão desta comunicação. Cabe observar que as anotações de sua experiência sulina estão mais voltadas para o gênero **diário de viagem**<sup>5</sup>. Simonton emprega, inclusive, essa nomenclatura para referir-se ao “Diário que fiz durante minha viagem ao Sul” (1982. p. 9). Este tipo de diário, trazido para os Estados Unidos por imigrantes europeus no século XVII, expandiu-se bastante nos dois séculos seguintes. A observação de Rosa Meire de Carvalho de Oliveira acerca desses textos traz um dado importante:

*Na metade do século XVII, esse tipo de diário era também muito útil como rito de passagem na educação de rapazes. Uma das etapas para se tornar adulto, o Grand Tour, oferecia ao jovem a oportunidade de empregar o diário de viagem para desenvolver o hábito da observação e reflexão (2002. p. 33).*

Podemos pensar na hipótese de que a viagem feita pelo jovem Simonton seja incluída na descrição acima. Ele e seu irmão, terminados os estudos, lançam-se em uma viagem que marca o fim da adolescência e os apresenta ao mundo adulto. Nesse caso particular, o *Diário* teria como objetivo relatar acontecimentos e fatos pitorescos ocorridos durante a viagem. Mesmo assim, ao lê-los, o leitor tem a sensação permanente de superficialidade. Como dito anteriormente, anotações a respeito de passeios, costumes, moças e experiências juvenis são a tônica.

Os registros que demonstram a busca pela maturidade nas decisões seguem próximos daqueles que indicam a seletividade de fatos que testemunham a evolução do caráter cristão de Simonton. Quanto a isso, são mencionadas ocorrências felizes, difíceis, e mesmo trágicas. Se na busca pela maturidade de caráter que se verifica nas decisões tomadas Simonton é quase sempre agente ativo, os eventos que demonstrarão a evolução de seu caráter se imporão muitas vezes a ele. Nesses casos, ele se tornará o receptor, quase passivo, de circunstâncias que envolverão sua vida.

<sup>5</sup> Oliveira define o gênero: “Como o próprio nome sugere, o diário de viagem agrupa relatos de experiências de inúmeros diaristas em torno de viagens [...] Os diários de viagem, muito comuns entre os séculos XV e XVIII, refletiam as viagens de caráter exploratório ou não, trazendo informações sobre a geografia específica, terreno, possibilidade de rotas, fauna e flora, mas também curiosidades sobre os povos nativos e a expressão do sentimento associado a cada uma dessas experiências” (2002. p. 32-33). Pelo tom dos registros no *Diário*, parece-me claro que Simonton se enquadra melhor como registro de “curiosidades sobre os povos nativos e a expressão do sentimento associado a cada uma dessas experiências”. O *Diário* manteve anotações de viagens após o retorno do sul, principalmente quando veio para o Brasil e por aqui se locomoveu por várias regiões. Entretanto, a característica superficial e meramente descritiva, presente na primeira parte do texto, sai de cena.

De qualquer modo, fica clara a distância entre a primeira e a segunda etapa do *Diário*. Naquela, parece que o registro em si torna-se o critério, em oposição à orientação de Foster, segundo a qual deve ser rejeitada a mera enumeração de “fatos e eventos da vida” (1864. p. 17, tradução nossa). Daquele período vem as anotações sobre: sua primeira caçada de veados no Mississipi, e como ele e um colega falharam na tentativa de alvejar o animal (1982. p. 36-37, 13 de agosto de 1853); a dispensa dos alunos para ir ao casamento de amigos (1982. p. 39, 7 de outubro de 1853); e a ignorância dos princípios elementares da língua latina detectada em seus pupilos (1982. p. 50-51, 14 de janeiro de 1854). Mesmo quando escreve sobre seu aniversário de 21 anos, quando chega à maioridade, as idéias são superficiais:

*Hoje chego à maioridade. Assumo todos os direitos, privilégios e imunidades de um homem livre; a lei pressupõe que agora estou preparado para pensar e agir por mim mesmo. Gostaria que houvesse eleição amanhã, para por em prática alguns de meus novos direitos. Em honra da ocasião a Sra. Carothers matou o peru cevado e convidou pessoas para o jantar. A noite passada houve festa na casa do General Owen dada, disseram, em honra de minha maioridade, e festejamos ativamente até à uma hora da manhã. O jogo Snap é bem popular e quase fiquei sem pernas. Esta noite a mesma cena se repetirá na casa do Juiz Miller, com uma diferença – haverá dança. Não sou muito dado à dança, nem sou bom dançador, mas este dia é só uma vez na vida e vou dar o melhor de mim mesmo para “cortar as asas do pombo” pois quero cooperar para que todos se divirtam (1982. p. 51, 20 de janeiro de 1854).*

Na segunda parte do *Diário*, por outro lado, há o aprofundamento de temas que são escolhidos criteriosamente para apontar ou para servir como indicadores da evolução do caráter espiritual do diarista. A partir desse ponto o *Diário* de Simonton deixa de ser um diário de viagem para se tornar, seguindo a classificação de Fothergill, um **diário espiritual**. A prática de escrever tais diários veio da Europa para os EUA no século XVII, e se tornou muito popular, principalmente entre o clero. Suas características principais são a introspecção e a análise da vida a partir de uma ótica espiritual (cf. OLIVEIRA. 2002, p. 39-43). Obviamente o contexto missionário, com atividades em terra estrangeira, fornece os temas a partir dos quais o *Diário* desenvolverá suas reflexões.

Os registros a seguir permitem, a título de exemplo, a identificação do caráter seletivo e de aprofundamento das reflexões. O primeiro é a transcrição do aniversário de Simonton, o primeiro após sua experiência religiosa, ainda em Princeton.

*Hoje é meu aniversário, o primeiro desde que fiz a profissão de fé em Cristo. Foi com dúvidas que fiz essa profissão. Minha fé era fraca e minhas impressões tão inadequadas que não podia deixar às vezes de me sentir indeciso quanto à minha verdadeira condição. E agora revendo minha vida, e o progresso que fiz na vida sagrada, embora possa lembrar tanta coisa boa, contudo muito há em mim que prova a fraqueza do princípio de minha fé, – se é que posso dizer com certeza que possuo a fé salvadora que o Evangelho exige.[...] Nessas dúvidas [no parágrafo suprimido Simonton enumera várias], a única certeza que posso encontrar é na palavra da promessa. Estou decidido a aceitá-la em seu mais claro sentido, e confiar nela como palavra de Deus. Quanto ao que experimento, tudo é ainda incerto. Hoje portanto renovarei meus votos ao Senhor e desejo ser consagrado a Ele inteiramente (1982. p. 108-110, 20 de janeiro de 1856).*

Preliminarmente, é interessante perceber como se manifesta a disciplina no exercício da razão em oposição aos sentimentos e como ela é o carro-chefe das decisões. Mas o principal é o reconhecimento de como as reflexões de Simonton neste momento contrastam com aquelas de seu aniversário ocorrido dois anos antes. Dentre tantos temas que poderiam ocupar sua escrita, o religioso é central e é ele que o leva à avaliação da vida.



Outros exemplos se encontram nos desafios propostos ao missionário norte-americano por um novo país, uma nova língua, uma cultura estranha e a presença de uma religião oficial oposta ao protestantismo. Diante desse quadro, ao final do ano Simonton escreve:

*Revendo 1859, cujas últimas areias correm enquanto escrevo, encho-me de gratos sentimentos. Reprovo-me pelo temor e tremores com que contemplei sua aproximação pois as provações então dolorosamente antecipadas foram mais leves do que eu imaginava, e Deus tornou-me possível suportá-la com firmeza. Tenho gozado mais paz, mais calma mental e certeza de estar no caminho do dever, e portanto felicidade mais verdadeira do que em 1858 quando hesitante debatia sobre o chamado para sair do país como missionário. Agradeço a Deus todos os caminhos por onde me levou e gostaria de estar exatamente onde estou, e em nenhum outro lugar pois este é, creio, meu campo de trabalho (1982. p. 156, 31 de dezembro de 1859, grifo do autor).*

Tendo chegado ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859, passados 4 meses e meio o missionário faz uma retrospectiva teológica do ano que se encerra, reconhecendo a bondade e a direção de Deus para com sua vida e como, apesar de suas limitações, Deus o conduziu das dúvidas iniciais a respeito da vocação missionária para o campo escolhido e o reconhecimento de que o Brasil é o lugar onde deveria estar.

O próximo e último estrato provém de duas experiências diametralmente opostas:

*Nossa primeira filha acaba de nascer às onze horas, e já se passaram vinte e cinco minutos. Deus seja louvado por Sua bondade. Ouviu, e respondeu a nossas orações; eu o louvarei por Sua bondade. A lembrança dos sofrimentos de Helen está ainda muito viva para permitir que pense na criança (1982. p. 190-191, 19 de junho de 1864).*

*Deus tenha piedade de mim agora, pois águas profundas rolaram sobre mim. Helen está estendida em seu caixão na salinha de entrada. Deus a levou tão de repente que ando como quem sonha (1982. p. 191, 28 de junho de 1864).*

Simonton havia partido para os EUA em março de 1862, antecipando viagem que tinha programado para o final do ano, em virtude do estado de saúde debilitado de sua mãe. Na terra natal conheceu Helen Murdoch, vindo a casar-se com ela em 19 de março do ano seguinte. Retornaram ao Brasil em julho. Quinze meses depois nascia sua filhinha, a quem deu o nome da mãe. Após nove dias, em decorrência do parto traumático, falecia a jovem esposa. Simonton, esposo e pai, faz questão de registrar os dois acontecimentos. Certamente não foi fácil. O primeiro, misto de alegria pelo nascimento e de preocupação com a saúde da esposa, deveria causar-lhe sentimentos antagônicos. O segundo, momento de tristeza abissal, é apresentado por meio de metáforas, na tentativa de relatar o que é indescritível. Sua jovem esposa havia partido! Tais experiências, desafiadoras da fé e da sanidade mental desse ainda jovem missionário, são apresentadas como exemplos de desenvolvimento do caráter cristão, mesmo que sob a dor da perda. Elas são as maiores e mais profundas demonstrações de que esse homem preocupava-se em examinar e avaliar sua vida espiritual. Seu *Diário* foi um instrumento para isso.

## **Conclusão**

A análise do *Diário* de Simonton nesta comunicação foi tópica. Estudou-se um entre outros tantos elementos que participaram de sua composição e estruturação. Não pretendi fazer uma análise extensiva do texto, mas estudar apenas um aspecto de sua composição: a relação entre literatura e a produção do *Diário*.

Há no *Diário*, conforme apontado, uma ruptura entre dois momentos da escrita. Aquele da viagem ao sul do país, texto leve, casual, com apontamentos que versavam em sua maioria sobre questões pitorescas. A segunda parte, mais densa, desenvolve-se principalmente a partir da decisão de Simonton em estudar teologia e, posteriormente, em vir para o Brasil como missionário. Nela se encontram os registros da vivência missionária desse jovem norte-americano.

Simonton poderia ter escrito seu *Diário*, como se encontra hoje, sem a leitura dos *Essays* de Foster? Provavelmente, sim. Sem o escritor, o texto possivelmente continuaria com sua subdivisão informal. Contudo, a presença das citações do ensaísta permitiram a maior organização e estruturação dos pensamentos de Simonton. Penso que se pode dizer que Foster forneceu os elementos essenciais para que Simonton organizasse os registros de suas experiências e desejos espirituais. Se isso for acentado como razoável, ficará provado, neste caso particular, como a literatura influenciou a expressão protestante em um de seus meios de produção mais importantes nos dois últimos séculos: os diários em suas variadas formas.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] SIMONTON, Ashbel Green. *Diário, 1852-1867*. Tradução de D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1982.
- [2] FOSTER, John. *Essays by a Series of Letters*. New York: Robert Carter & Brothers, 1864. Disponível em:< <http://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-idx?c=genpub;cc=genpub;q1=essays%20by%20a%20series%20of%20letters;rgn=title;view=toc;idno=ABR9795.0001.001>>. Acesso em: 14 de maio de 2008.
- [3] FOTHERGILL, Robert. *Private Chronicles: A Study of English Diaries*. London: Oxford University Press, 1974.
- [4] ALASZEWSKI, Andy. *Using Diaries for Social Research*. London: Sage Publications, 2006.
- [5] MACIEL, Sheila Dias. *A literatura e os gêneros confessionais*. Disponível em:< <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>>. Acesso em: 27 de jun. 2008.
- [6] AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Centro Ángel Rama, 1997.
- [7] SHAW, Thomas B. *A Complete Manual of English Literature*. 2a. ed. New York/Chicago: Sheldon & Company, 1865. Disponível em:< <http://www.archive.org/details/completemanualof00shawiala>>. Acesso em 15 de jun. de 2008.
- [8] THOMAS, Joseph. *Universal Pronouncing Dictionary of Bibliography and Mithology*. Philadelphia: [s.n.], 1870. Disponível em:< <http://www.archive.org/details/universalpronoun00thomrich>>. Acesso em: 15 de jun. de 2008.
- [9] ARNOLD, Thomas. *A Manual of English Literature*. Boston: Ginn Brothers, 1876. Disponível em:< <http://www.archive.org/details/manualofenglishl00arnoiala>>. Acesso em: 15 de jun. de 2008.
- [10] OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. 2002. 214 f. Dissertação (Mestrado

**XI Congresso Internacional da ABRALIC**  
***Tessituras, Interações, Convergências***

**13 a 17 de julho de 2008**  
**USP – São Paulo, Brasil**

em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador – BA. Disponível em:<  
[http://bocc.unisinos.br/\\_listas/tematica.php?codtema=21](http://bocc.unisinos.br/_listas/tematica.php?codtema=21)>. Acesso em: 27 de jun. de 2008.

## <sup>1</sup>**Autor**

João Cesário Leonel FERREIRA, Prof. Dr.  
Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM)  
Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper  
leonel@mackenzie.com.br